

## RESUMO/ ABSTRACT

### **SONHOS CAMINHANTES: PÉRIPOS DE CABOVERDIANIDADE E AVENTURAS DE HETERONÍMIA POÉTICA**

*Sonhos caminhantes*, de José Luís Hopffer Almada. Emigração e diáspora cabo-verdiana. Etnias africanas deslocadas para a ilha de Santiago de Cabo Verde e escravizadas. Migrações internas. Emigração para África, América e Europa, voluntária e forçada. “Terra-longismo”, exílio. Identidade, polivalência e heteronímia. Partida e caminhos do regresso ao arquipélago.

**Palavras-chave:** *Sonhos caminhantes*; José Luís Hopffer Almada; Cabo Verde; literatura; emigração; heteronímia.

### **SONHOS CAMINHANTES: PERIPLUS OF CAPEVERDIANITY AND ADVENTURES OF POETIC HETERONOMY**

*Sonhos caminhantes*, by José Luís Hopffer Almada. Emigration and Cape Verdean diaspora. African ethnic groups moved to the island Santiago of Cape Verde and enslaved. Internal migration. Emigration to Africa, America and Europe, voluntary and forced. “Terra-longismo”, exile. Identity, versatility and heteronomy. Departure and return paths to the archipelago.

**Keywords:** *Sonhos caminhantes*; José Luís Hopffer Almada; Cape Verde; literature; emigration; heteronomy.



**SONHOS CAMINHANTES: PÉRIPILOS DE  
CABOVERDIANIDADE E AVENTURAS DE  
HETERONÍMIA POÉTICA**

*Simone Caputo Gomes*

Professora Doutora de Literaturas Africanas de língua portuguesa,  
Universidade de São Paulo-USP, São Paulo-SP  
simonecaputog@usp.br

Corpo catibo,  
Bá bo que é escrabo!  
Ó alma bibo,  
Quem que al lebabo?  
Eugénio Tavares<sup>1</sup>

José Luís Hopffer Almada é um nome incontornável quando se aborda a cultura cabo-verdiana, como poeta, crítico literário, ensaísta, editor, pesquisador da cultura e ator de movimentos culturais. Em *Sonhos caminhantes*<sup>2</sup>, de sua autoria, realiza uma parábola da aventura crioula que se inicia, como elucidada na apresentação, a partir da experiência trágica de desenraizamento dos povos africanos de diferentes etnias deslocados para a ilha de Santiago e lá escravizados:

Dos filhos da diáspora nasceu a ilha. O tráfico dos corpos. A deportação da alma. (...) Com a audácia dos navegadores. Com a calculista frieza dos negreiros. Com o fecundo silêncio das almas ressurrectas na expectante prostração dos escravos. (...) Da porta sem retorno de goré à pia baptismal da cidade velha” (poema “Na morte de Baltasar Lopes da Silva”, do heterônimo Nzé di Sant’y Águ).

O poeta – outrando-se em poetas – documenta a dor da violenta exploração dos corpos e o *banzo* de suas almas desterradas no anseio permanente de volta às terras e culturas de origem. Expõe a ma-

<sup>1</sup> “Hora di bai” ou Morna da despedida, de Nhô Tatai: Corpo cativo,/Vai tu que és escravo!/Ó alma viva,/Quem já te levou?

<sup>2</sup> Livro composto de alguns poemas inéditos em livro e outros já publicados em *À sombra do sol*, volumes I e II, *Assomada nocturna* e *Assomada nocturna* (Poema de Nzé di Sant’y Águ), sempre sob o critério do autor de reelaborar e aperfeiçoar os seus textos, dando-lhes novas versões. O longo poema “Terra-longe/diásporas” retoma e refunde algumas estrofes de *Assomada nocturna* (Poema de Nzé di Sant’y Águ).

triz do sentimento atávico (“ancestral exílio”) embutido nos peitos caboverdianos, que remonta “às raízes/do sangue e do suor/dos séculos de dor e esperança/no ritmo do pilão” (poema “Parábola sobre o castanho sofrimento”, do heterônimo Nzé di Sant’y Águ).

E percorre outros caminhos, que a ampulheta do tempo imprimiu no arquipélago de Cabo Verde como diversas fases e tipos de migrações: internas, inicialmente do interior para o litoral e das zonas rurais para as urbanas; inter-ilhas, em direção àquelas com melhores possibilidades econômicas; a emigração para a pesca da baleia; a emigração para os três continentes (África, América e Europa), para garantir o sustento das famílias nas metrópoles europeias e americanas; o trabalho contratado nas roças de São Tomé.

Saídos das ilhas vulcânicas, caboverdianos

pululam

nas ruas de Nova York S. Paulo e Pequim

nos portos de Roterdão Dakar e Nanquim

nos andaimes de Lisboa Luanda e Berlim

(“Não há dia, não há manhã”, poema do heterônimo Nzé di Sant’y Águ).

A emigração caboverdiana processou-se principalmente em três correntes, em diferentes momentos. Primeiramente, para a América do Norte, de finais do século XVII à segunda década do século XX, constituindo a maior comunidade de emigrantes caboverdianos no mundo:

(...) mastros frágeis dos veleiros dos caminhos livres  
dos caminhos clandestinos do mar trilhados  
desde as ilhas perdidas no uterino além – mar atlântico

até ao almejado esplendor da pátria natal  
de acolhimento dos umbigos novos  
de filhos das terras do novo mundo

(“Terra-longe/diásporas”, do heterônimo Nzé di Sant’y Águ).

Com a legislação restritiva nos anos vinte nos Estados Unidos da América, a emigração de caboverdianos desviou-se para a costa ocidental africana e foi acrescida da emigração “forçada” de trabalhadores para S. Tomé e Príncipe; um terceiro momento, de 1946 a 1973, levou mais caboverdia-

nos aos países da Europa central e Países Baixos, tendo Portugal como “placa giratória” e registrando, a partir de 1964, o maior êxodo da história das ilhas.

A emigração portuguesa para a América do Norte e do Sul, na década de 1950, para a Europa Central e Países Baixos nos anos 1960, e a manutenção da guerra colonial deixaram um enorme vazio de mão-de-obra em terras lusas. Esta situação levou a um processo de substituição da mão-de-obra nacional pela caboverdiana, muito em virtude do rigor da crise provocada pelas secas no arquipélago, o que levou a um incentivo governamental da emigração caboverdiana masculina, em idade ativa, de origem essencialmente rural, para trabalhos em condições precárias e por vezes sub-humanas na Metrópole colonial (“Gueto. Trabalho e gueto. Crioulo e gueto. Cachupa e gueto”, como no poema “Na morte de Baltasar Lopes da Silva”).

Assim traduz o heterônimo Erasmo Cabral de Almada esta vivência de afastamento da terra natal que, no caso do poema “Exílio II”, chega ao auge do seu dramatismo<sup>3</sup>:

Dias  
e mais dias  
turvos  
translúcidos  
na ondulação  
das madrugadas  
curvas  
impregnando  
com tejo e nostalgia  
a face alagada  
de pátria e distância (“Exílio II”)

A partir dessa síntese de fatores, pode-se concluir que, seja em movimento centrípeto ou centrífugo, Cabo Verde é um palco de desterramentos e saudades, de chegadas, partidas e regressos, núcleos semânticos que configuram o “terra-longismo” tão bem estudado por Manuel Ferreira a partir de um análise de *Chiquinho*, de Nhô Baltas(ar Lopes). Este macrotema da literatura caboverdiana compõe-se, para o ilhéu, ora da saída do corpo (migração) do chão crioulo amado, ora da viagem da alma

<sup>3</sup> Segundo esclarecimento do autor José Luís Hopffer Almada, em correspondência pessoal trocada conosco por meio eletrônico em 07/04/2010, o poema refere-se literalmente ao “exílio dos dissidentes políticos de várias fases da história pós-colonial de Cabo Verde”.

(evasão) que, talvez por um atávico resquício do *banzo* africano, sonhe com a terra-longe, que se desdobra em ninho comunitário africano ancestral ou pasárgada amiga-irmã, imagens de abundância econômica e/ou cultural.

Por coerção ou por opção, na emigração forçada ou voluntária, o corpo vai (para a Europa, América, ilhas africanas da sujeição ou de emigração livre), mas a alma fica, ora perdida na “memória do ébano” (“Parábola sobre o castanho sofrimento”, do heterônimo Nzé di Sant’y Águ) – as culturas das etnias das levas de escravizados que, arrancados de suas raízes, para o arquipélago foram transportados –, ora na terra “sabe”, Cabo Verde abandonado (por força da miséria, da seca e da fome que impeliram o corpo a fincar raízes nas sete partidas do mundo), porém nunca esquecido, em que pese o constante envio de remessas de poupanças consideradas desde sempre um fator de equilíbrio na economia crioula.

Contudo, na instabilidade hamletiana das variadas possibilidades que a cultura mestiça lhe apresenta, o caboverdiano pode optar por outro atalho para se imaginar: viver no arquipélago ou, mais comumente, em sua minúscula ilha, seu mundo conhecido, mas com a mente por vezes a deslocar-se ao desconhecido: “o camponês/com viagens de emigração/na boca da enxada” (poema “Não há dia, não há manhã”, do heterônimo Nzé di Sant’y Águ).

No poema “Terra-longe/diásporas”, este acrescenta:

Todos nós éramos  
emigrações inscritas  
no esqueleto das montanhas  
navios de todos os atlânticos  
ancorados na fisionomia  
raquítica e contorcida  
das purgueiras ao sol  
da rala vegetação  
nas raízes da fomes e da carestia.

Em correspondência trocada por meio eletrônico, o autor José Luís Hopffer Almada nos cede generosamente uma explicação de que, neste poema, “estão abundante e expressamente retratadas e inventariadas as vivências e as condições precárias e guetizadas de sobrevivência dos trabalhadores caboverdianos na ex-metrópole colonial (uma das muitas pátrias natais de acolhimento dos seus descendentes nascidos na diáspora)”. E acrescenta, sobre a temática e o estilo preferenciais do heterônimo Nzé di Sant’y Águ:

sublinhe-se que este poema dissecar as andanças, as atribuições e os feitos de caboverdianos de diferentes categorias sociais por múltiplos espaços e tempos diaspóricos, sendo o modo dominante de dissecar os contextos sociológicos e de celebrar a saga caboverdiana muito característico de Nzé di sant' y Águ.

Sintetizando essa “transumância” física ou psicológica retratada em “Terra-longe/diásporas”, pergunta-se o poeta, em meditação sobre “[N]a morte de Baltasar Lopes da Silva”: “evadiram-se os meus companheiros para a pasárgada, desterraram-se para as hespérides ou degredaram-se para a terra-longe?”

Ao sabor desses trânsitos históricos que lhe forjam a polivalência, a identidade caboverdiana se vai plasmando como múltipla e heterônima (sublinhe-se vários escritores caboverdianos que se utilizaram do processo para elaborar as suas produções, como Eugénio Tavares, Baltasar Lopes, João Vário, Euricles Rodrigues), compatível com a hibridação constitutiva de sua formação étnica e cultural ou, como afirma o autor, com a “diversidade das origens matriciais da sua criouldade”. Não esqueçamos ainda que a condição arquipelágica, concebida não somente como geografia, mas como modo de estar no mundo, transforma o indivíduo crioulo em ilhas, plural que envolve as dez ilhas – com os seus falares crioulos diversificados, embora unificados na “língua caboverdiana”, patrimônio de todos os cidadãos, de todas as ilhas – e ainda a diáspora, denominada de décima primeira ilha (e que abriga, hoje, o maior número de caboverdianos).

Assim, a pluralidade, acrescida de uma flexibilidade necessária ao modo de “estar-entre”, é traço fundamental à vivência caboverdiana e o autor opta por expressar-se por meio de uma aventura heteronímica que abriga faces poéticas possíveis de, a par da mestria do verso, veicular ao leitor a riqueza de experiências de enraizamento e deslocamento pertinentes a essa aventura crioula de mobilidade e plasticidade<sup>4</sup>.

No livro que ora apresentamos, reúnem-se o ensaísta (no elucidativo texto que introduz o livro e que nos fornece uma lição de história, de cultura e de literatura ao discutir a “aventura diaspórica do povo caboverdiano”) e o poeta, fragmentado em personalidades heterônimas, já auto-apresentadas na obra *À sombra do sol*<sup>5</sup>, volume I, na introdução denominada “O parto da sombra ou confissões do autor” (1990, p. 11-15).

<sup>4</sup> Conjugando expressões de Manuel Ferreira e Gabriel Mariano em ensaios antológicos: FERREIRA, Manuel. *A aventura crioula*. Lisboa: Plátano - SARL, 1973. MARIANO, Gabriel. “Do funco ao sobrado ou o mundo que o mulato criou”. *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa: Vega, 1991.

<sup>5</sup> ALMADA, José Luís Hopffer. *À sombra do sol (seis cadernos de poesia)*. Praia: Edições Voz di Povo e Movimento Pró-Cultura, 1990. 2 v.

Neste texto, Zé di Sant'y Águ é uma alma telúrica definida por José Luís Hopffer Almada como “personalidade castiça e crioulófona, profundamente ancorada no chão (...) de Santiago e de Cabo Verde”; Erasmo Cabral d'Almada nasceu em Leipzig e sua poética caracteriza-se por “uma profunda indagação social de raiz universalizante” (1990, p. 14).

Sobre como tem evoluído seu processo heteronímico de produção poética, acrescenta ainda o autor José Luís, em estilo ensaístico:

A caracterização que se faz em “O parto da sombra” dos meus diferentes nomes poéticos mantém o essencial da sua validade, salvo no que respeita ao novo contexto emergente do desdobramento do antigo nome poético Zé di Sant'y Águ em Nzé di Sant'y Águ, poeta telúrico e lusógrafo, e Zé (ou Amizé) di Sant'y Águ, “a minha personalidade castiça e crioulófona” (doravante exclusivamente crioulófona, diga-se)<sup>6</sup>.

### **Para o autor, a sua heteronímia**

sofreu aperfeiçoamentos e algumas transformações de monta a partir dos livros “Assomada nocturna (poema de Nzé di Sant'y Águ)” e “Praianas (revisitações do tempo e da cidade)”. É assim que Nzé di Sant'y Águ representa o telurismo expresso por um poeta lusógrafo, localizado nas ilhas e/ou nas diásporas (como no caso do poema “Não há dia, não há manhã” ou em “Terra-longe/diásporas”), ficando a poesia em crioulo reservada a Zé di Sant'y Águ (ou Amizé di Sant'y Águ, reservando-se a opção final, reservando-se a opção final entre Zé ou Amizé para a edição autónoma em livro da minha poesia em crioulo). Erasmo Cabral de Almada expressa tanto o cosmopolitismo de raiz universalizante e feição indagadora do cidadão do mundo que ele pretende representar como o olhar mais desassombrado, crítico e “politicamente incorrecto” da minha poesia de rosto assumidamente caboverdiano. A poesia de Erasmo Cabral de Almada já não coincide com um olhar de longe sobre Cabo Verde ou sobre o mundo.

Como é possível observar, os heterônimos ora produzem uma poética de enraizamento no chão das ilhas, ora demonstram uma vivência que “pressupõe um olhar de longe sobre Cabo Verde” (1990, p. 15), uma visão em que o poeta é cidadão do mundo, ou até mesmo complexifica essas perspectivas.

Continua José Luís Hopffer Almada a autodiagnose heteronímica, pontuando o que ela carrega de diversidade e complementaridade:

<sup>6</sup> Correspondência eletrônica trocada com a Profa. Dra. Simone Caputo Gomes.

A poesia de Erasmo Cabral de Almada quer significar uma visão desmistificadora e satírica de Cabo Verde (aliás complementadora ou antitética da poesia de Nzé di Sant'y Águ) e/ou do mundo no qual o poeta deambula desenvergado de inibidoras vestes identitárias, mesmo quando carregada da veemência de uma profissão de fé que é iminentemente solidária e humanista. (...)

Admito todavia que, devido ao comum chão de atribuições históricas e telúricas que ambos pisam e esgaravatam, podem ser bastante fluídas as fronteiras entre as escritas desses dois nomes poéticos. Daí, aliás, que mais que heterónimos no sentido exacto do termo alguns prefiram considerá-los como semi-heterónimos. Pelo meu lado, sempre preferi utilizar a expressão *nomes poéticos ou literários*.

O poema “Auto-biografia”, de *À sombra do sol*, assinado por José Luís Hopffer C. Almada (1990, v. I, p. 17), que mais tarde recebe o título de “Autobiografia ortónima” (*Assomada nocturna: poema de Nzé di Sant'y Águ*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005, p. 13-4) e algumas alterações estéticas, já indicia essa trajetória multipartida, sobretudo em espaços geográficos e culturais diversos:

nasci numa aldeia  
à sombra de um sobrado  
e da austera penumbra das montanhas

ainda criança  
galguei as exaustas margens das ribeiras  
a húmida orografia da Assomada  
e fiz-me árvore do planalto

o serpentear das estradas  
fez-me desembocar no mar  
e desaguar no silêncio  
junto a uma cidade  
espraiada em azul e murmúrio

de costas para o mar  
insinuei-me

– para além da ilha –  
na lenta e transparente  
caminhada das nuvens  
para de Leipzig beijar  
a neve com odor  
    a carvão e melancolia  
para da europa  
longamente acariciar  
o níveo e silente frio

*hoje sei que sou*  
um simples signo de adão e eva  
    e do seu éden pétreo no pico de antónio.

Na circularidade do poema, partindo de Assomada (interior da ilha de Santiago, a de mais antiga ocupação em Cabo Verde) para a vivência em Leipzig e consequente assunção de uma consciência ainda mais profunda de uma identidade caboverdiano-santiaguense, o poeta ortônimo desenha o seu percurso pessoal, que mais tarde despersonalizará lírico-dramaticamente na experiência mais detalhada de cada heterônimo, sendo que todas essas faces alegorizam o mosaico-símile do complexo identitário caboverdiano como “ponte de culturas”.

Também neste belíssimo livro que ora prefaciamos, à semelhança da “Autobiografia”, a trajetória do eu poético se desenha da experiência do exílio na terra-longe ou de acolhimento em outras terras à interiorização cada vez maior da singularidade caboverdiana, representada pela evocação das “noites de Assomada”, imagem eleita para tornar onipresentes o cotidiano e as tradições do arquipélago. O eu lírico do poema de Erasmo Cabral de Almada, intitulado “Exílio II”, “desterrado”, “expatriado”, “sozinho”, “deportado”, “banido”, “emparedado”, “renegado”, “auto-exilado” (o autor José Luís Hopffer Almada esclarece referir-se o texto ao exílio de dissidentes políticos caboverdianos), que carrega a “dor emparedada/desses tempos de pedra/de flagelação da alma/de lenta derruição do corpo”, reencontra a sua seiva em solo mátrio, ao final da obra, no poema do heterônimo seu complementar, Nzé di Sant’y Águ:

Ai noites de Assomada  
dos vaticínios augurando

a ressurreição do corpo e da alma  
 dos que como órfãos umbigos  
 como desterrados cordões umbilicais  
 enterrados em longínquas terras  
 sepultados em setentrionais frias vegetações  
 inumados sob meridionais pantanosas paisagens  
 ondulam feitos crespos verdes estandartes  
 nos cabos de além-mar (poema “Terra-longe/diásporas”).

Na poética heteronímica de José Luís Hopffer Almada, segundo nossa leitura, a “saudade faminta/da ilha estéril e interdita” transporta o sentimento do “emigrado”, seja à beira do luso Tejo (poema “Exílio II) ou na Alemanha (poemas “Leipzig” e “Untersagte Strassen”), para as “calçadas da praia-maria” (poema “Exílio II), em Cabo Verde.

A experiência do heterônimo Erasmo Cabral de Almada, congruente com a emigração do autor José Luís Hopffer Almada para licenciar-se em Direito em Leipzig (“cidade lamparina/em cântico nas minhas mãos”), assim como com as suas várias permanências pós-universitárias na Europa, em especial em Portugal, retrata os caminhos trilhados pelo caboverdiano afastado de seu arquipélago e seu olhar a princípio estrangeiro sobre a história e a cultura que o recebem:

caminhos convulsos  
 das palavras dançando  
 nos labirintos do medo da polícia  
 das consciências violentadas  
 da liberdade em peregrinação  
 pelos crânios fracturados de berlim (...)

caminhos do meu irmão mulato destas ruas diárias  
 anônimo e escuro Adamastor destes cabos setentrionais  
 sombra doirada sob o inverno das árvores  
 denegrido olhar sob a faísca do rótulo  
 mischlinger afro-saxão schwarzer deutsche  
 teuto-africano mulato preto alemão (“Untersagte Strassen”).

Considerando que a vivência nas terras de acolhimento é um fenômeno complexo e também polifacetado, experiências de fascínio (“paraísos sonhados/às portas de berlim”, no poema “Anti-lembrança”)<sup>7</sup> e de fraternidade compõem a sua face positiva. Sempre didaticamente, exercitando o seu lado de crítico (genético) literário, esclarece, em correspondência eletrônica, José Luís Hopffer Almada:

O poema “Untersagte Strassen” - à semelhança aliás do poema “Leipzig”- representa o olhar do sujeito poético sobre o universo concentracionário da terra que o acolhe e o cativa (e que passa a amar), bem como a solidariedade com o outro, conformado pelos seus irmãos mestiços (“mischlinge, afro-sachse, negros alemães”) e por outros seres humanos, “habitantes da diáspora”. Anote-se que “habitantes da diáspora”, tal como, aliás, referido em “O parto da sombra ou confissões do autor”, não se refere aos caboverdianos expatriados e aos seus descendentes nascidos no estrangeiro, mas ao outro com o qual o caboverdiano se confronta ou convive nas suas deambulações pelo mundo do estrangeiro, do qual tem notícias ou que torna tema de meditação ou dessa tal “indagação social de raiz universalizante” (...). Indagação essa que, sendo incidente “sobre a sensibilidade e a vivência caboverdianas enquanto mundivisão da diáspora” porque carregada por um sujeito por vezes expatriado mas sempre em diálogo com o outro, pressupõe “a auto-consideração do homem-poeta como cidadão do mundo, e, por isso, angustiado com a condição humana, com as convulsões sociais advenientes da busca universal da felicidade e da liberdade”.

No caderno final da obra, os poemas do heterônimo Nzé di Sant’y Águ direcionam o seu olhar para o chão crioulo e a cultura caboverdiana.

“Parábola sobre o castanho sofrimento” narra alegoricamente a origem da humanidade. O cenário da génese, segundo nos esclarece o autor, é situado “em Santiago de Cabo Verde, no Éden chamado Pombal, lugar de onde se parte para o interior do mundo (ainda em Santiago) e, depois, para as ilhas periféricas e para o vasto mundo”. José Luís Hopffer Almada acrescenta: “Adão é branco e negro e Eva é negra e branca, sendo os seus filhos mestiços. O poema constitui uma alegoria e uma homenagem à mestiçagem caboverdiana e às condições pecaminosas e servis em que se gerou”<sup>8</sup>. Os descendentes do casal original são “gêmeos”, “de cor parda”, que, a partir do arquipélago, disseminam os mestiços pela Terra:

<sup>7</sup> Conferir ainda a Autobiografia ortónima: “para de Leipzig beijar/ a neve (...) para da Europa/ longamente acariciar/ o nível e silente frio”.

<sup>8</sup> Em correspondência com a pesquisadora.

Morto Adão  
(por humana fraqueza de Deus)  
enamorado-se por Eva Caim  
e  
fugiram ambos  
para o desabitado interior do mundo  
que se estendia pelas distâncias  
das ilhas periféricas  
as desertas chamadas  
e  
cresceram e multiplicaram-se  
em faces castanhas  
escurecidas  
pela inospitalidade das terras  
devastadas  
pelo abandono pela secura  
e pelo árido olhar de Deus  
e  
pereceram e ressuscitaram  
entre cabras e pedras (...)  
e  
saíram pelo mundo  
e  
fizeram-se diáspora  
em busca  
e  
em lembrança  
do paraíso perdido do verde e das águas.

Está explicado, de forma figurada, o sofrimento humano e suas razões, assim como o (castanho) sofrimento do povo caboverdiano.

Petrificados Adão e Eva no pico de António, na ilha de Santiago, por castigo de Deus (ou de seu heterônimo, Lúcifer?), Nzé di Sant'y Águ, na segunda parte do longo poema, evoca a redenção do “umbigo inicial” – antes condenado a deserto e penúria – em “nome edénico da paz”,

ou  
simplesmente  
de um cabo de um lugar verde  
onde descansar-nos possamos  
das atribulações da escassez e da carestia.

A redenção, sob a forma de “caminho do regresso” ou de “sonho de alforria”, trará de volta “à verde e líquida memória do ébano” – Santiago, ilha da origem caboverdiana – os “pés cansados”. Para matar a “saudade”, representada “em sangue/em figuras de milho e cabra” (poema “Não há dia, não há manhã”). Para “partilhar dos frutos” do “éden pétreo/do Pico de António” (“Parábola sobre o castanho sofrimento”), em liberdade e certeza de “outubros/de novas chuvas” ou “orvalhos dos tempos das azáguas” (poema “Não há dia, não há manhã”). Para inundar-se “nas mantilhas das tocatinas/nos cânticos à cachupa”, na “sabedoria dos rabelados” na “Praia-Maria”, “no útero da terra”, “nos nervos das pedras”.

Esse enraizamento é sinalizado por Nzé di Sant'y Águ, linguística e poeticamente, pelo apelo anafórico incessante às ilhas e à gente das ilhas para que:

Venham  
e amarrem-me  
ao poilão de Boa Entrada (...)

Venham  
ó planaltos ó ribeiras  
ó achadas e fajãs (...)

E tragam  
as gentes da Brava  
ternas na fala  
amoráveis na mansa lonjura da morna (...)

E tragam  
o Vulcão do Fogo  
e a altivez das bandeiras & das coladeiras (...)

E tragam  
o corpo do Mindelo  
explodindo no carnaval (...)

E tragam  
os dias e as noites da Boavista do Sal e do Maio [...] (poema “Não há dia, não há manhã”).

Esse poema propõe, segundo o autor José Luís Hopffer Almada,

uma comunhão desmedida entre o sujeito poético temporariamente situado no estrangeiro e dilacerado pela distância/ausência na terra-longe, e a terra-mãe, comunhão essa muito característica da poesia dantes atribuída a Zé di Santý Águ (agora transmutado em Nzé di Santy Águ no seu telurismo de expressão lusógrafa).

Consoante este espírito de comunhão, às noites de Assomada somam-se as noites e os dias de todas as ilhas. Os olhos, antes “ausentes”, podem agora, mercê da dádiva das várias ilhas, colher TUDO, mas, sobretudo, embeber-se n’o corpo castanho da terra/e da sua alma salpicada de verde...” Com “as lágrimas folhosas” das mães, suas “mãos prenhes de flores”, seus corpos “saracoteando a alegria do batuco e do funaná”, poderá o “umbigo” do(s) filho(s) ser, afinal, enterrado à sombra/da mangueira da [...] infância”.

Coroando esse trajeto de partidas e regressos, o poeta faz seu pouso sentimental na Assomada, berço e ninho, “lar materno de nhagar”. Pela memória (“Lembras-te”), junto aos companheiros “rostos marinheiros” e “corpos nómadas” da infância e da juventude, revive todos os sonhos de emigração e momentos de evasão, todas as realidades do terra-longismo (“rostos rumando/nos conveses dos veleiros (...)/em demanda da fortuna” ou “amontoados nos porões/de modernos navios negreiros”), tendo sempre como contraponto o sentimento de pertença às “noites” no interior de Santiago: seguindo “pelos trilhos da lama/pelos atalhos da vila/pelos caminhos da ilha”.

Em todos os périplos, experimentados pelo sujeito como viagens trágico-marítimas ou épicas odisséias –

arrastando-se pelas fazendas pelos colonatos  
pelos cafezais pelas plataformas petrolíferas  
pelos algodoais pelas minas diamantíferas  
pelas estradas e barragens em construção  
pela diversa escuridão dos matos apavorados

rastejando pelas jóias da coroa do império  
no encaço das migalhas da pátria colonial (...)

errantes nos rios da guiné do cabo verde  
na senegâmbia na terra firme das costas de áfrica  
nas três Américas e suas caraíbas Antilhas (...)

nas quatro estações das europas –,

despontam como saldo positivo as noites de Assomada, cena primordial da caboverdianidade.

Ai as noites de Assomada  
dos risos ecoando  
cristalinos límpidos amplos  
em cruz grande festejando  
as vivências crioulas ressuscitadas  
em lugares esconsos cordiais.

Para qualquer destino, para as sete partidas do mundo, o caboverdiano leva sempre as ilhas consigo. Toda partida é noite de Assomada, supõe o caminho de regresso, físico ou emocional: Cabo Verde.

### Referências bibliográficas

ALMADA, José Luís Hopffer. *À sombra do sol (seis cadernos de poesia)*. Praia: Edições Voz di Povo e Movimento Pró-Cultura, 1990. 2 v.

\_\_\_\_\_. “Autobiografia ortónima”. In: \_\_\_\_\_. *Assomada nocturna: poema de Nzé di Sant’y Águ*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 2005. p. 13-4.

FERREIRA, Manuel. *A aventura crioula*. Lisboa: Plátano - SARL, 1973.

MARIANO, Gabriel. “Do funco ao sobrado ou o mundo que o mulato criou”. *Cultura caboverdeana: ensaios*. Lisboa: Vega, 1991.

Recebido em 22 de setembro de 2010

Aprovado em 14 de outubro de 2010

